



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS

ANA VITÓRIA MARQUES PAULINO

A LITERATURA E SUA VISIBILIDADE NO ENSINO DE PORTUGUÊS DO BRASIL
COMO SEGUNDA LÍNGUA: UMA CONTRIBUIÇÃO MULTICULTURAL.

Brasília/DF
2024

ANA VITÓRIA MARQUES PAULINO

**A literatura e sua visibilidade no ensino de português do Brasil como segunda língua:
uma contribuição multicultural.**

Projeto de Curso: Elaboração de Multimeios apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português do Brasil como Segunda Língua da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Danglei de Castro Pereira

Orientando(a): Ana Vitória Marques Paulino

Brasília/DF

2024

CIP - Catalogação na Publicação

M MARQUES PAULINO, ANA VITÓRIA .

l

A Literatura e sua visibilidade no ensino de Português do Brasil como Segunda Língua: uma contribuição multicultural.

/ ANA VITÓRIA MARQUES PAULINO; orientador DANGLEI DE CASTRO PEREIRA. -- Brasília, 2024.

30 p.

1. LITERATURA BRASILEIRA. 2. ESTRANGEIROS . 3. HIBRIDIZAÇÃO. 4. CULTURA. 5. MULTICULTURALISMO. I. DE CASTRO PEREIRA, DANGLEI, orient. II. Título.
Monografia (Graduação - LETRAS - PORTUGUÊS DO BRASIL COMO SEGUNDA LÍNGUA) -- Universidade de Brasília, 2024.

ANA VITÓRIA MARQUES PAULINO

**A literatura e sua visibilidade no ensino de português do Brasil como segunda língua:
uma contribuição multicultural.**

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Danglei de Castro Pereira (Presidente)

Universidade de Brasília/UnB

Trabalho avaliado no âmbito da disciplina Monografia em
Literatura. Departamento de Teoria Literária e Literaturas.

Instituto de Letras-UnB

Brasília /DF, 30 de Novembro de 2024

PAULINO, ANA VITÓRIA. *Título: subtítulo.* 2024. XX f. Trabalho de Conclusão de Curso XXXXXX –
Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2024.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo estabelecer uma relação entre o texto presente em *Mar paraguay* (1992), de Wilson Bueno, o conceito de Antropofagia, desenvolvido por Oswald de Andrade na década de 1920 no âmbito da linguagem literária. O intuito é apontar a existência de uma lógica antropofágica na construção da obra em questão; Mostrar a singularidade desse texto e como se dá a junção do português com o espanhol para formar o discurso da protagonista do livro. Entende-se que se trata de uma linguagem mutante, que escapa dos mecanismos de controle e determinação que lhe são inerentes, gerando um efeito particular.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Estrangeiros; Hibridização; Cultura; Multiculturalismo.

ABSTRACT

This work aims to establish a relationship between the text present in *Mar paraguayo* (1992), by Wilson Bueno, and the concept of Anthropophagy, developed by Oswald de Andrade in the 1920s within the scope of literary language. The aim is to point out the existence of an anthropophagic logic in the construction of the work in question; Show the uniqueness of this text and how Portuguese and Spanish are combined to form the speech of the book's protagonist. It is understood that it is a mutant language, which escapes the control and determination mechanisms inherent to it, generating a particular effect.

Keywords: Brazilian Literature; Foreigners; Hybridization; Culture; Multiculturalism.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo qual me movo.

Aos meus pais, Samuel e Alzira, pelo incentivo em todos estes anos.

Aos meus avós, Juversina Pedro dos Santos e Francisco Ernesto; Joaquina Ferreira e Hermínio Marques.

À Chapada dos Veadeiros, pelas memórias afetivas, criadas na infância.

À tia Ester e tia Nicinha, por serem minha primeira palavra.

À Jullieth, minha prima-irmã, por tudo o que é cuidado e afeto.

Agradeço aos anjos de luz pela proteção, e aos professores do curso de PBSL pelos ensinamentos além da sala de aula.

*“E quando eu tiver saído
Para fora do teu círculo
Tempo, tempo, tempo, tempo
Não serei, nem terás sido
Tempo, tempo, tempo, tempo.”
Caetano Veloso*

SUMÁRIO

1. Introdução.....	8
2. A cultura e a arte brasileiras.....	9
3. Wilson Bueno e o Mar Paraguayo	9
3.1. Mar Paraguayo e os Signos (Uma associação à Ferdinand de Saussure).....	11
3.2. A vertigem da linguagem	12
3.3. O filtro afetivo do aluno segundo KRASHEN, uma visão a partir do ensino multicultural.....	13
3.4. Os neologismos presentes na obra de Wilson Bueno (Mar Paraguayo).....	15
3.5. O Dialogismo Bakhtiniano	16
4. Oswald de Andrade em Memórias Sentimentais de João Miramar (1924) e a sátira presente na obra de Oswald, em relação a João Miramar.....	18
4.1. A linguagem e o processo de aculturação nos estudos multi/interculturais em Mar Paraguayo, de Wilson Bueno.....	19
5. Considerações finais.....	21
6. Bibliografia.....	22

A Literatura e sua visibilidade no ensino de Português do Brasil como Segunda Língua: uma contribuição multicultural.

1. INTRODUÇÃO

O ensino de Português do Brasil como Segunda Língua, parte de indagações sobre o que é língua e como ela funciona. Há também fontes históricas que explicam como surgiu a língua e como seus precedentes influenciam o ensino da mesma. Gramática, Linguística e Literatura são subgrupos que estabelecem conexões entre si, embora apresentem visões e abordagens diferentes quando postas na prática docente.

Como discorre Librandi-Rocha (2014), o professor enquanto facilitador do acesso a uma literatura, considerando o filtro afetivo do aluno, pode ser uma “figura” desconhecida pelos alunos. Nesse contexto, o autor descreve tal situação como uma espécie de “vazio” causado pela ausência de seu país de origem, e que apesar disso, o docente “deve representar sua cultura, falar por ela, dizê-la e, sobretudo, ensiná-la a estrangeiros”.

Sobre este assunto, Gledson (2009) ressalta a importância da literatura para se tomar conhecimento do Português do Brasil, uma vez que aprender uma língua possibilita entrar em sua cultura, reforçando os usos da mesma e os discursos que nela se reproduzem.

Dessa forma, o presente trabalho de conclusão de curso surgiu a partir da minha experiência em um estágio obrigatório (Estágio Supervisionado 1 em Português do Brasil como Segunda Língua), onde observei as aulas numa turma de Iniciantes 1, no Núcleo de Ensino e Pesquisa em Português para Estrangeiros (NEPPE), totalizando 4 horas semanais. Na observação, pude experimentar relatos dos alunos (de 9 nacionalidades diferentes) sobre aspectos culturais dos brasileiros, e a partir de uma aula ministrada por mim, ao final da observação, apliquei uma atividade onde os alunos relataram suas experiências no Brasil, o que foi de suma importância para que eu pudesse obter dados. Analisando os materiais utilizados pelo corpo docente do NEPPE, foi possível averiguar a ausência de textos literários no contexto do Português Brasileiro como L2/LE.

Assim, considerando aspectos como nacionalidade, segunda língua e língua de herança, o objetivo principal deste trabalho, está em relacionar "Mar Paraguayo", de Wilson Bueno e "Memórias Sentimentais de João Miramar", de Oswald de Andrade, examinando como ambas as obras empregam técnicas de narrativa experimental para refletir sobre questões de identidade cultural e memória. "Mar Paraguayo" mistura línguas e culturas para criar uma

narrativa híbrida, enquanto "Memórias Sentimentais de João Miramar" utiliza uma estrutura fragmentada e modernista para retratar a vida urbana e a transformação social no Brasil. Ao comparar essas obras, podemos entender como os autores comparam as formas literárias tradicionais e oferecem novas perspectivas sobre a experiência brasileira e latino-americana. Essa análise facilita as maneiras pelas quais a literatura pode transcender barreiras linguísticas e culturais, criando um diálogo multifacetado entre passado e presente.

2.A cultura e a arte brasileiras

Neste tópico a ideia é apresentar, em partes, o Brasil em seu âmbito cultural sob descrição/perspectiva do poeta e escritor moderno Oswald de Andrade. Aqui, o manifesto da poesia Pau-Brasil estabelece conexão com o Manifesto antropófago, criando uma “ponte” entre o panorama da realidade brasileira, ao brasileiro e ao estrangeiro.

A imposição violenta de uma cultura dominante parte do processo de colonização do Brasil e a partir das tentativas de silenciamento das identidades que foram marginalizadas, estabelecendo conflitos entre a diversidade que se apresenta nesse contexto. Nesse sentido, a formação cultural do Brasil sob a perspectiva literária revela uma sociedade multicultural, conforme Stuart Hall (2003), onde têm-se a aculturação, e transculturação e o hibridismo, em Ortiz (1987), Burke (2006) e Roma (2008). Assim, os elementos transculturais dão origem às práticas culturais híbridas tornando assim, o Multiculturalismo uma estratégia sociopolítica de fusão entre esses aspectos e a diversidade cultural do Brasil para além do ideal de unitarismo.

Além disso, a formação cultural do Brasil sempre esteve ligada aos aspectos de sua pluralidade, reformulando práticas de aculturação, revitalizando a identidade cultural de seu povo e integralizando as diferenças. No âmbito da arte, Oswald de Andrade (1890-1954) esteve presente na cultura e na literatura brasileira com suas publicações, enfocando o redescobrimto do Brasil, ou seja, sua diversidade, divisões e hibridismo cultural. As propostas ligadas à cultura e à literatura e Oswald de Andrade, contribuíram para a modernização da cultura do país, pois ele propunha a instauração de um novo ponto de vista que revelasse e desvendasse o processo de colonização.

3. Wilson Bueno e o Mar Paraguayo

No que diz respeito à história da língua desde sua formação e às questões de fronteira a ela relacionadas, o antropólogo, poeta e anarquista argentino, migrado para o Brasil em 1982, Néstor Perlongher afirma no trecho intitulado Sopa Paraguaya, que a publicação de Mar Paraguayo - Wilson Bueno (1992), nos coloca diante de um acontecimento. Nesse sentido, acontecimentos costumam chegar em silêncio, quase imperceptíveis, somente os mais avisados os detectam.

Além disso, Perlongher afirma que tudo na língua parece igual, porém, de uma maneira sutil, tudo se modificou e continua se modificando. Hábitos rotineiros, passam a ser então, algo irreversível e definitivo no que tange os aspectos linguísticos.

Wilson Bueno reitera em sua obra, que a imitação e a invenção representam grandes paixões (práticas) dos homens. Logo em seguida, Perlongher questiona nessa “sopa paraguaya”, se foi realmente Wilson Bueno quem “inventou” o portunhol (um portunhol malhado de guarani, que realiza por debaixo, na medula palpitante da língua, aquilo que o poeta argentino - ou, melhor, correntino, Francisco Madariaga invocava do alto de um úmido surrealismo luxurioso: gaúcho-beduíno-afro-hispano-guarani.

Já sobre a obra em si, Wilson Bueno mantém sua escrita baseada na conversa, também com algo de cronista, uma vez que recolhe um modo de falar bastante difundido: praticamente todos os hispano-americanos residentes no Brasil usam os inconstantes, precários, volúveis achados da mistura de línguas para se expressar. Essa mistura, por assim dizer, não se estrutura com um código predeterminado de significação. Ela não mantém fidelidade exceto a seu próprio capricho, desvio ou erro.

Bueno reitera que o efeito do portunhol é imediatamente poético, havendo entre as duas línguas um vacilo, uma tensão, uma oscilação permanente: uma é o “erro” da outra, seu devir possível, incerto e improvável:

“Não há lei: há uma gramática, mas é uma gramática sem lei; há uma certa ortografia, mas é uma ortografia errática: chuva e lluvia (grafadas de ambas as maneiras) podem coexistir no mesmo parágrafo, só para mencionar um dos incontáveis exemplos.”

Assim, como uma mescla aberrante, o Mar Paraguayo tem algo de mistura e por isso denomina-se também, uma sopa paraguaia. Néstor Perlongher faz uma alusão que pode-se associar à diversidade linguística existente no Brasil:

“Tal prato não boia, como poderia se supor, na água do caldo: é uma espécie sui generis de omelete ou empanada. As ondas desse Mar são titubeantes: não se sabe para onde vão, carecem de porto ou roteiro, tudo boia, como numa suspensão barroca, entre a prosa e a poesia, entre o devir animal e o devir mulher.”

Diz-se dessa comparação, o significado de mulher, como figura animalesca, como muitos outros autores de literatura brasileira se referem. Ainda na fala de Perlongher, em toda a extensão do Mar Paraguayo - associável a um poema épico-escolar: “incomensurável, aberto e misterioso a seus pés”, do romântico rio-platense Esteban Echeverría - a poesia nos espia, pula sobre nosso colo como um cachorrinho - o microscópico Brinks ora brincalhão, ora feroz. Poesia do acaso: ela sai, criticaram adustos escribas, como que casualmente, não há determinação na indeterminação... Cabe lembrar, por exemplo, que em espanhol *sin*, ao invés de “sim”, quer dizer “sem”, com o qual se retira da afirmação a sua existência. Algo infinitamente cômico espreita, do mesmo modo, na substituição de *son* (são) por *san* (santo).

Néstor chama de comicidade desenfreada, não provocada, mas filha “natural do próprio amálgama lingual”, uma outra marca inquietante da linguagem e do texto. Logo, a língua é uma constante bifurcação em seus aspectos históricos-geográficos-linguísticos.

3.1. Mar Paraguayo e os Signos (Uma associação à Ferdinand de Saussure)

Saussure (1916), em seu livro *Curso de Linguística Geral*, explica o Signo, inicialmente como algumas ideias na forma de dicotomias, que podem ser resumidas como: A língua sendo um sistema: em uma célebre analogia com o xadrez, a língua é um tabuleiro em constante mudança; entretanto, possui uma lógica. A posição histórica das peças é irrelevante para entender as regras do jogo (ênfase na sincronia). Do mesmo modo, o tamanho, cor e forma das peças são arbitrariamente atribuídas pelos jogadores (arbitrariedade dos signos), assim, a dimensão sócio-coletiva da língua que atribui esses sentidos passam ser objeto da linguística. Cada peça somente possui significado em relação às outras e a perda ou inserção de uma peça muda a prática do jogo (relações paradigmáticas e sintagmáticas).

Nesse sentido, os signos não são naturais, ou seja, não há uma vinculação direta entre objeto e a palavra. No entanto, quanto à linearidade, a sucessão de signos produz sentido entre si, como se verifica na relação sintagmática. Para o estruturalismo de Saussure os sentidos são produzidos relacionalmente.

Além disso, o autor fala sobre o conceito de sincronia e diacronia, onde, para compreender os sentidos da língua não se deveria investigar suas origens ou transformações — fundamentadas às vezes em hipóteses improváveis, mas focar em algo verificável, como a linguagem em uso (parole). Para isso, o estudo da língua através do tempo, a diacronia, deveria dar lugar ao estudo da língua em um dado momento a partir de suas estruturas internas enquanto um sistema.

Para além desses sentidos, o signo é constituído por esses dois aspectos. O significante (signifiant) é o objeto, físico ou imaginado, formado por sons, imagens ou escrita que transmite algum sentido. É a “imagem acústica”. O significado (signifié) é a ideia transmitida pelo signo, ou seja, o conceito.

Em associação a Mar Paraguayo, é possível verificar a presença de dicotomias, à medida em que Wilson Bueno lança mão de uma linguagem mesclada, na qual o espanhol e o português se misturam e se confundem, e são atravessados pelo guarani (g.) e pelo mbyá-guarani (ou guarani mbyá).

Segundo Adalberto Muller:

“Não é, contudo, apenas o idioma guarani que atravessa o texto: a relação arcaica desse idioma com as culturas dos povos ameríndios do tronco tupi-guarani, com a cosmovisão guarani.”

Dessa forma, no Mar Paraguayo, uma visão “desastrosa” e melancólica define o tom lutuoso e dramático da narrativa, um tom que se concilia justamente com o do Barroco. Tanto com o barroco como “drama lutuoso”, tal como descrito por Walter Benjamin, como com o neobarroco praticado nos anos 1950-1990 em toda a América Latina, sobretudo aquele que Néstor Perlongher chamou de neobarroco: “Com esse barro barroco e guarani, Wilson Bueno produziu esse jorro de linguagem que é o Mar Paraguayo.”

3.2. A vertigem da linguagem

Ao se referir aos aspectos que são tidos como “a vertigem da linguagem”, na obra de Wilson Bueno, é possível refletir sobre o processo de composição textual das narrativas, uma vez que o tempo, o espaço, os personagens e a história ou o enredo, se unem de forma progressiva na criação de mundos plurissignificativos que alteram o objeto literário.

Sobre esse assunto, Antonio Candido, em 1970 afirma que alguns desses componentes, quando postos num romance, seja ele qual for, se tornam “imbricados”, não havendo possibilidade de separação dos mesmos:

Geralmente, da leitura de um romance fica a impressão de uma série de fatos organizados em enredo, e de personagens que vivem estes fatos. É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos nestas, pensamos, simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha de seu destino - traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente. (CANDIDO, 1970. p. 51)

Assim, em *Mar Paraguayo*, os relatos narrados são marcados por um certo “caos emotivo”, presente nas memórias da narrativa. As narrativas apresentam, então, duas espécies de tempo, sendo uma no plano da história e a outra no plano do discurso. Nesse sentido, Wilson Bueno confronta uma sucessão temporal dos acontecimentos vividos - a infância da narradora no Paraguai, a vinda ao Brasil, as relações com o niño, por exemplo, e as distorções dos relatos.

Dessa forma, *Mar Paraguayo* consegue elaborar relatos desordenados e desgovernados no qual passado, presente, memórias, realidade, certos devaneios e emoções. Já com efeito de sentido, o anonimato na exposição narrativa, confere uma maior liberdade aos relatos da narradora de *Mar Paraguayo*. A ausência de nome também possibilita a correspondência de suas afirmações, queixas, reflexões e anseios com as de qualquer indivíduo, não tendo fronteiras ou delimitações.

Relacionando a narrativa de Oswald, em *João Miramar* e a de Wilson Bueno, em *Mar Paraguayo*, pode-se observar o que é comum nas duas descrições: o Brasil sob várias perspectivas, partindo do conceito de fronteira e memória, que pode então ser associado à visão do que se classifica como filtro afetivo do aluno, no processo de aquisição de línguas. (Krashen, 1985, p. 3 apud FIGUEIREDO 1995, p. 52).

3.3. O filtro afetivo do aluno segundo KRASHEN, uma visão a partir do ensino multicultural

O lado afetivo da aquisição de uma língua atrai a cada dia mais a atenção de pesquisadores. Resultados de pesquisas sobre a afetividade na aquisição de uma língua mostraram relações substanciais entre variáveis afetivas e proficiência. Variáveis afetivas

como motivação, autoconfiança e ansiedade afetam a aquisição de uma segunda língua, tendo como efeito o aumento ou a diminuição da penetração de qualquer insumo compreensível que é recebido. Krashen acredita que professores podem fazer a diferença na motivação, nos níveis de ansiedade e na autoconfiança dos alunos através de um ensino afetivo, mantendo assim o filtro afetivo baixo. O ensino afetivo, então, representa a esperança de aperfeiçoar as atitudes, a motivação, a autoconfiança e os níveis de ansiedade, e conseqüentemente, o empenho tanto de alunos como de professores em fazer de uma aula boa, uma aula ainda melhor.

No que tange à distinção entre aquisição e aprendizagem, o autor acredita que a aprendizagem é um processo consciente, é o saber a respeito de uma nova língua, é o conhecimento formal gramatical do sistema linguístico. Para ele, este conhecimento por si só não garante a aquisição, o qual define como um processo subconsciente de assimilação natural, intuitivo, fruto de interações em situações reais de convívio humano em que o aprendiz participa como sujeito ativo, desenvolvendo habilidade prático-funcional sobre a língua. De acordo com Krashen, a aprendizagem é menos importante que a aquisição.

O Modelo do Monitor proposto por Krashen, verifica de que forma o professor de línguas estrangeiras pode beneficiar-se das hipóteses que ele levanta em seu estudo nos contextos formais de aprendizagem. Esse modelo contribuiu e ainda contribui para com as pesquisas sobre aquisição de L2/LA/POLH.

Dessa forma, Krashen afirma que a aprendizagem nunca se transformará em aquisição e através da própria aprendizagem nunca se chegará a um nível de competência comunicativa que se equipare à de um nativo, a menos que ocorra o processo de aquisição. Assim, os conceitos de “língua adquirida” e “língua aprendida” tornam-se impossíveis de serem determinados com exatidão.

É também importante apontar, a partir de leituras sobre a estrutura comentada por Krashen, que há evidências empíricas comprovadoras da existência do funcionamento de dois mecanismos: aquisição e aprendizagem. Há, igualmente, questionamentos relacionados à definição para o termo “língua adquirida”, uma vez que o autor não deixa explícito se essa explicação refere-se a níveis de compreensão, produção ou a ambos. Já na questão metodológica, todo o modelo de Krashen é envolvido. No entanto, apenas o estudo de aspectos formais de uma língua não resulta em competência comunicativa global.

Nesse ínterim, o insucesso atual de metodologias voltadas para a gramática e a tradução se dá na tentativa de atingir a competência comunicativa dentro e fora da

aprendizagem de uma língua estrangeira, mesmo num ambiente de imersão, como citado anteriormente.

Referindo-se ao ensino de Português do Brasil como Primeira Língua (a L1 dos brasileiros, em sua maioria), observa-se que alunos imersos num ambiente onde a língua estrangeira é falada constantemente e que possui necessidades reais de comunicação (intercambistas, por exemplo), aprendem tal língua com mais rapidez e fluência do que quem a estuda formalmente, em seu país de origem mesmo que por muitos anos.

Há, então, dois processos distintos no momento em que alguém se aproxima de um idioma estrangeiro: O primeiro em que estruturas da língua são internalizadas sem que tenham sido estudadas formalmente, decorrendo então da exposição do indivíduo a ela, e o segundo em que se tem um esforço intelectual para compreender o funcionamento da nova língua com regras de sintaxe ou um novo vocabulário.

3.4. Os neologismos presentes na obra de Wilson Bueno (Mar Paraguayo)

Quando se fala de neologismos, é válido discutir acerca das questões relativas ao uso de palavras oriundas de línguas estrangeiras no Português do Brasil. Essa discussão parte de uma reflexão sobre termos de diferentes linguagens de especialidade. Dentro desse aspecto existe uma dicotomia no processo de enriquecimento do léxico brasileiro por termos estrangeiros. Explica-se assim, o que há em comum nos conceitos de empréstimo, estrangeirismo e neologismo. O conceito de Polifonia também é refletido nessa discussão.

Dessa forma, Mar Paraguayo, de Wilson Bueno, apresenta o que, em literatura, é um conceito desenvolvido por Mikhail Bakhtin: Polifonia, e esta se refere a um texto que contém uma pluralidade de vozes, de discursos, sem uma voz unificadora (como a do narrador) que se sobreponha às demais. (Bakhtin 2008).

Na obra, a polifonia destaca vozes culturais existentes no continente latino-americano ultrapassando as fronteiras de Guaratuba, onde a narrativa é ambientada. A evidência dessa pluralidade de vozes, acontece, principalmente porque a narradora (uma índia velha), deixou suas origens em terras paraguaias e vive no momento da narrativa, em Guaratuba,- cidade turística paranaense e se comunica em português, espanhol e guarani ou mescla o seu discurso com partes de cada uma dessas línguas.

Assim, Wilson Bueno ultrapassa algumas barreiras impostas pela norma linguística e avança a prosa em direção à poesia, nisso então ocorre a hibridização das línguas em uso e as

que estão quase em desuso, resgatando línguas em desuso organizando um discurso polifônico sustentado por um “jogo de palavras”, que pretende apenas destacar como as línguas e culturas dialogam entre si, estando livres de fronteiras ou imposições.

A Linguística então, tem o Neologismo como sendo um fenômeno que consiste na criação de uma palavra ou expressão nova, ou mesmo na atribuição de um novo sentido a uma palavra já existente. Considerando Mar Paraguayo, por conseguinte, o autor tem como “resgate” linguístico as palavras que formam o elucidário presente na obra, como “o sabor paraguaio do castellano e do guarani”. A exemplo de: “ACHY: a natureza necessariamente moral, finita e má do mundo, antes da Terra sem Mal; AYVU: a palavra humana; MBA: completamente; inteiramente; totalidade; plenitude; primeira palavra da segunda letra do alfabeto guarani, a consoante *mb*.” (BUENO, 2022, p. 80 e 81)

Segundo a professora Nelly Carvalho (UFPE, 1987), neologismos são novas palavras num momento dado da história da língua e está ligado com o contexto sócio-histórico da sociedade falante dessa língua. Nos neologismos pode ser encontrado o verdadeiro retrato da sociedade de uma determinada época.

Logo, as noções de neologismo que permeiam tanto os estudos linguísticos quanto os estudos literários, tem como foco principal apresentar, sobretudo na obra de Wilson Bueno, as variações do que ele optou por chamar de portunhol, em sua pesquisa discutida dentro dos limites geográficos imaginados, marcando o ethos da república guarani, sendo então sua obra conhecida como a leitura da canción marafa de Wilson Bueno.

3.5. O Dialogismo Bakhtiniano

Para que possamos compreender o pensamento de Bakhtin, devemos em primeira instância mergulhar em sua concepção de que se a ciência humana tem método e objeto dialógicos, também suas ideias sobre o homem e a vida são marcadas pelo princípio dialógico (Barros, 1997:30; 2001:26). Os contornos do conceito central de dialogismo já são visíveis na obra filosófica inicial de Bakhtin e na translíngua que emergiu sob o nome de Voloshinov; mas é em relação à literatura - trans linguisticamente concebida - que o dialogismo recebeu sua mais plena e atraente expressão.

Nesse sentido expressivo, não há apenas um eu e um meio que lhe é externo: a linguagem acontece porque há um nós (Kramer, 2002:75). Como aponta Machado (2005:161), Bakhtin

entende que uma linguagem é sempre uma imagem criada pelo ponto de vista de uma outra linguagem.

Enquanto Bakhtin estava exilado, ele escreveu “O discurso no romance”, onde declarou seu objetivo de eliminar “a separação entre formalismo abstrato e um ideologismo igualmente abstrato”, não apenas em termos gerais, mas especificamente em termos de estilística literária. Em toda sua obra, a bidirecionalidade do discurso não luta apenas por reconhecimento abaixo da superfície composicional da obra individual, mas se livra da repressão de uma crítica literária submetida ao “monologismo ideológico dos tempos modernos”. Logo, o entendimento dialógico e formalista da obra literária se concentra numa manifestação específica que Bakhtin nomeou como fenômeno geral do monologismo.

O sujeito se constitui à medida que vai ao encontro do outro. Segundo a perspectiva bakhtiniana, o outro é imprescindível na construção do nosso ‘eu’, daí a conclusão de que a linguagem deve ser percebida a partir de uma concepção dialógica. Ainda de acordo com tal perspectiva, a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos nela envolvidos (Brait e Melo, 2005:65).

Quando se fala de dialogismo, é possível relacionar seu conceito ao de neologismo, citado anteriormente neste trabalho. Nesse sentido, Bakhtin traz reflexões a partir de sua obra filosófica inicial que, na translinguística emergiu à literatura concebendo o dialogismo como uma expressão.

Bakhtin ainda classifica os tipos de discurso em prosa, como elementos que vão além do composicional-superficial (em 1ª pessoa, diálogo) e inerente ao conceito de Dialogismo, há o que estudiosos dizem sobre a necessidade de contrapor dois conceitos essenciais: língua global e língua de especialidade. Assim, língua global são as palavras em suas variadas significações, independentemente de um contexto ou à área temática, sendo também o conjunto de regras, unidades e restrições que formam parte do conhecimento da maioria dos falantes de uma língua.

Já o conceito de língua de especialidade se dá sob a ótica pragmática, sendo definida como um conjunto de possibilidades determinadas pelos elementos que intervêm em cada ato comunicativo, onde os interlocutores e emissores têm seus propósitos e intenções comunicativas bem atendidas dentro do conjunto de características que são próprios a eles.

4. Oswald de Andrade em Memórias Sentimentais de João Miramar (1924) e a sátira presente na obra de Oswald, em relação a João Miramar

A partir da leitura de Memórias Sentimentais de João Miramar é possível estabelecer uma conexão entre a narrativa de Oswald de Andrade e Wilson Bueno. À medida em que o texto é percorrido, pode-se verificar a presença de elementos que fazem parte da memória afetiva do autor e do que ele observa em contexto de, tanto a aquisição de segunda língua, quanto a história do Brasil observada sob várias perspectivas.

Além disso, sobre a obra citada, Alfredo Bosi afirma que a composição mesma do romance é revolucionária: são capítulos-istantes, capítulos relâmpagos, capítulos sensações. Nesses capítulos, Oswald utiliza de sua subjetividade autoral para descrever de forma fragmentada e ao mesmo tempo incorporada no escopo de sua descrição sobre as memórias das quais ele fala.

Por outro lado, no livro Memórias sentimentais de João Miramar há, expressamente, o registro da influência de Oswald sobre a prosa de Mário de Andrade, uma vez que ambos estão inseridos no contexto da Semana de Arte Moderna de 1922. Assim, Mário classifica as narrativas de Oswald como um anti manifesto na paródia linguística, além de citar o pseudo prefácio (João Miramar-Oswald), onde uma série de considerações programáticas sobre a experiência oswaldiana, torna-se uma lógica, onde o estilo dos escritores acompanhe a evolução emocional dos surtos humanos.

O mundo ficcional que se abre na narrativa oswaldiana, sustentado por princípios que remontam à sátira menipeia (citada no próximo tópico), favorece a experimentação artística, incorporando então o contraditório ou o absurdo de maneira harmônica ou indiferente. Tal indiferença se torna essencial na vida de João Miramar, fazendo com que ele passe por uma resignificação ambivalente.

“O ambiente paulista de nosso tempo, de modo especial o conflito cotidiano entre a agilidade estrangeira e a estúpida moleza almofadada em sacas do paulista sem bandeiras.”
"Há um Oswald humorista, satírico, irreverente, gozador, cheio de verve, que através do ris o destruiu tabus, preconceitos e ideias feitas, todas as imposturas da falsa seriedade, antes lugares-comuns ditos com ênfase, pompa e solenidade do que pensamentos profundos e, principalmente, fecundos e fecundantes". 3, P.25)

A sátira encontrada na vida e na obra de Oswald de Andrade, fez-se, de acordo com Antonio Candido (CANDIDO; CASTELO, 1983, p. 24-25), em períodos curtos, densa, não

raro elíptica, pesada de imagens que compensavam a parcimônia da frase pela tensão expressiva de cada palavra. Oswald em seu romance *Memórias Sentimentais de João Miramar* (1924), traz a realidade trabalhada por meio de recursos poéticos, com apelo à sugestão, à alusão, à metáfora e ao trocadilho. Esses processos se davam então, a partir de uma estética do fragmentário, com espaços na composição do discurso. Assim, a unificação dos blocos sugestivos e satíricos, é feita no espírito do leitor dentro das concatenações lógicas encontradas nesse processo.

O personagem estrangeiro Miramar, possui na narrativa do texto, uma fragilidade cômica, intencionalmente desejando destruir todos ou tudo aquilo que constitui uma fonte de sensação desagradável a ele, uma vez que quase sempre há um significado de frustração para satisfação de suas necessidades auto preservativas. É importante citar também, que alguns protótipos são postos no livro, a fim de revelar os aspectos da relação de ódio que se originam não só de sua sexualidade, mas da luta de Miramar em manter seus privilégios de classe.

Histórica e humanamente, o humor e o ódio nestes casos correlatos têm a vantagem de não precisar se prender a um objeto próprio, objeto este que diz da ausência de uma ideia principal na matéria narrada pinçada então, da vida amorfa de um típico paulista no começo do século XX, que produz café e consome automóveis.

Nos anos quarenta, Antonio Candido (1992,p.20) em um estudo pioneiro e amplo sobre a prosa oswaldiana, percebeu que a técnica empregada em *Memórias sentimentais de João Miramar*, distribui ao acaso imagens díspares e violenta as leis da razão, porque aceita a agressividade instintual como um valor na produção de sentido.

Por fim, em *Memórias sentimentais de João Miramar*, o leitor é levado a um riso cordial, uma vez que, contra a entediante vida burguesa, a estratégia autoral não faz concessões à empatia. A fixidez de sentido, como parte da escrita literária como um todo, não é encontrada na narrativa pela qual passa Miramar, pois sua vida gira em torno da falta, falta essa que se transforma em sátira, dentro do que se conhece como ambiente de fala do personagem e de comunicação para com o leitor.

4.1. A linguagem e o processo de aculturação nos estudos multi/interculturais em Mar Paraguayo, de Wilson Bueno

O processo de modificação do sistema linguístico, de um grupo como resultado de interação com outro grupo com um sistema linguístico diferente, se dá através da

problematização do contexto migratório no Brasil, onde as teorias descrevem que para constituição do gênero humano em cada indivíduo, necessita que estes apropriem da cultura produzida historicamente.

Há que se considerar também, os fluxos migratórios que ocorrem nesse processo de aculturação, estabelecendo conexão entre a problematização de questões das dificuldades encontradas por estrangeiros nos aspectos da linguagem, especificamente a língua, em exercerem atividades no mercado de trabalho no país de acolhimento e os princípios que orientam a educação para a interculturalidade e o multilinguismo.

Assim, dentro do processo de aculturação, os aspectos linguísticos são focalizados na inclusão e não apenas em moldes triviais. Dessa forma, a importância do acultramento se dá para que o indivíduo possa se constituir humanamente, onde a inclusão social é atravessada por garantias descritas na Constituição Brasileira (BRASIL, 1988).

É importante salientar ainda, sobre os cuidados que se deve ter ao planejar programas educacionais voltado para o reconhecimento e o respeito aos aspectos linguístico-culturais de grupos minoritários, considerando que o empoderamento e a visibilidade desses grupos, se dá pelo fortalecimento político ou da existência de legislações que os favorecem. Ao se pensar sobre Educação, focalizando equívocos de modelos “acríticos” de educação multicultural, considera-se os obstáculos do difícil diálogo intercultural.

Nesse sentido, a escola nos “moldes” ocidentais realiza seu trabalho como decorrência de uma sociedade envolvente nos temas que permeiam a Educação Intercultural e caminha rumo ao diálogo sobre conhecimentos e comportamentos construídos sob bases culturais distintas e conflitantes de certo modo. No entanto, o desafio encontrado no ensino Intercultural, possui seus desdobramentos onde, nesse contexto não se deve ser entendido como um “plus”, ou como um reconhecimento porque o reconhecimento obtido no diálogo da interculturalidade acaba por centrar-se na capacidade de resolução de conflitos que são o alicerce desses diálogos, justificando sua existência e sua relevância política (Maher 2006a).

Ao pensar nos aspectos geopolíticos, a crescente urbanização e a intensificação dos movimentos migratórios, junto à globalização e contando com a ampliação e expansão dos meios de comunicação, expõe em conjunto, as culturas umas às outras. Dessa forma, assim que essa exposição ocorre, a sociedade é colocada frente ao encontro com o outro,- ou o “diferente”.

É importante citar que, a pluralidade cultural sempre fez parte do mundo globalizado, onde o multiculturalismo recebe distinções na sua interpretação, considerando que por um

lado atribuem ao termo um valor negativo, e por outro, o reconhecimento do multiculturalismo como uma “benesse” à Educação Intercultural.

Logo, as contribuições da interação entre as culturas e suas linguagens para a construção do conhecimento e para a sociabilidade com ênfase em trabalhos que se ocupem. É importante também salientar que o papel da escola no processo educativo e intencional, avança para o alcance da humanização dos indivíduos que por ela passam.

Mar Paraguayo de Wilson Bueno, traz com frequência o uso do Mbya-Guarani num processo de transculturação. Os Mbiás são um subgrupo do povo Guarani que habita a região meridional da América do Sul. Nesse sentido, os Mbya ocupam um amplo território que ocupa os Estados Nacionais brasileiro, argentino e paraguaio.

Vale ressaltar que Bueno enquanto autor paranaense, reconhece os processos e os movimentos migratórios de grupos como o Guarani a partir de seu “senso” de pertencimento, uma vez que estes segundo a literatura, habitam as selvas subtropicais do Alto Paraná. Considerando-se a inter e a multiculturalidade, cita-se a importância da região Guayrá apresentada em Mar Paraguayo como sendo um antigo território do Império Espanhol, onde também geopolítica e historicamente houve missões jesuítas nos assentamentos espanhóis.

Por fim, a palavra Guayrá vem do nome de um cacique da região à época. Assim, valendo-se dos aspectos culturais e linguísticos, Mar Paraguayo parte de influências históricas (meados de 1522 a 1542), quando houve a exploração do limite sul do Guayrá, até hoje quando conhecemos as Cataratas do Iguaçu. Todos esses processos são fundidos na relação das fronteiras de populações espanholas com o Brasil.

5. Considerações finais

Este trabalho, sob o tema “A Literatura e sua visibilidade no ensino de Português do Brasil como Segunda Língua: uma contribuição multicultural”, objetivou apontar, sob diversas leituras feitas no campo da Linguística, de que forma um falante de Português como L2, do ponto de vista afetivo e dialógico da aquisição/aprendizagem de línguas, poderia se sentir pertencido e acolhido num ambiente de imersão. Foi possível refletir também, a exemplo das obras literárias citadas,- Mar Paraguayo, de Wilson Bueno e Memórias sentimentais de João Miramar, de Oswald de Andrade, as relações de um imigrante com seu país de origem e seu país de acolhimento.

A narrativa deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), permeou os 3 campos estudados no curso de Letras - PBSL: Linguística, Fonética e Literatura. Assim sendo, a contribuição multicultural citada no título, se deu a partir das análises feitas da linguagem e do processo de aculturação nos estudos multi e interculturais dados por sua vez, em Mar Paraguayo e na Sátira Oswaldiana, criticada por sua vez, pelo crítico literário Antonio Candido (1918-2017). A análise da hipótese inicial foi exemplificada com o Dialogismo Bakhtiniano e com a vertigem da linguagem encontrada na escrita do romance de Oswald, dando início em 1922, à prosa modernista brasileira, ressaltando ainda que Memórias Sentimentais de João Miramar só foi publicado em 1924.

Em suma, os objetivos dessa dissertação foram alcançados considerando os próximos passos. É possível, a partir de Bakhtin e Krashen, dar continuidade a este tema do ponto de vista de estratégias linguísticas para fazer com que o aprendiz de Português Brasileiro (como L2) tenha acesso a uma literatura brasileira simples e afetiva.

6. BIBLIOGRAFIA

1. Mar paraguayo / Wilson Bueno : edição crítica e comemorativa organizada por Douglas Diegues, Adalberto Muller : estabelecimento de texto Adalberto Muller : pesquisa e Iconografia Luiz Carlos Pinto Bueno, Douglas Diegues . - [2. ed.] - São Paulo : Iluminuras, 2022.
2. Andrade, Oswald. Obras completas II: Memórias Sentimentais de João Miramar, Serafim Ponte Grande. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
3. Fiorin, José Luiz. Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo: Ática, 2006.
4. Bezzer, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin: conceitos-chave. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 191-200.
5. Brait, Beth. A natureza dialógica da linguagem: formas e graus de representação dessa dimensão constitutiva In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto (Orgs.). Diálogos com Bakhtin. Curitiba: Editora da UFPR, 1996. p. 69-92.
6. Librandi-Rocha, M. “A Carta Guarani Kaiowá e o direito a uma literatura com terra e das gentes”. In: Estudos de literatura brasileira contemporânea, n.44, jul./dez. 2014. GLEDSON, J. (2009). John Gledson. Literatura e Sociedade, 14(11), 28-29.
7. Saussure, F. de. Curso de linguística geral. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2021.
8. Candido, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et al. A personagem de ficção. São Paulo: Perspectiva, 1970.

9. A construção das vozes no romance. In: BRAIT, B. (Org.). Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997, p. 219-228.
10. Figueiredo, Francisco José Quaresma de. Aquisição e Aprendizagem de Segunda Língua. In: Revista Signótica 7, Goiânia: Ed da UFG, Jan Dez, 1995.
11. Krashen, Stephen. The Input Hypothesis, issues and implications. Harlow: Longman, 1985.
12. Maher, Terezinha M. A educação do entorno para a interculturalidade e o plurilinguismo. In: KLEIMAN , A.B; CAVALCANTI, M.C. (Orgs). Linguística Aplicada: suas faces e interfaces. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007, p.255-270.
13. Renfrew, Alastair, Mikhail Bakhtin/Alastair Renfrew; Tradução Marcos Marcionilo. - 1 ed. - São Paulo: Parábola, 2017.
14. Carvalho, Nelly Medeiros de .Empréstimos linguísticos. São Paulo : Ática, 1989.